



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

A ESTÉTICA DO SOFRIMENTO MENTAL: O CORPO EM ANGÚSTIA NO TEATRO DO CAPITALISMO

Eixo Temático 10 - Corpos, multiplicidades e singularidades nos estudos do campo discursivo

Armando Luís de Oliveira¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4856-9005>

armandoluis@id.uff.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Resumo: Este artigo investiga a estética do sofrimento mental no teatro contemporâneo, analisando como o corpo em angústia é representado e como essas representações dialogam com as dinâmicas do capitalismo. Sob perspectiva interdisciplinar, que integra teoria crítica, psicanálise, sociologia e estudos de performance, o estudo revela que o sofrimento mental (Freud, 1997) é frequentemente retratado através de uma estética do corpo fragmentado e angustiado, refletindo a desumanização promovida pelo sistema capitalista (Deleuze; Guattari 2010). O teatro emerge como um espaço de resistência e crítica, expondo as condições de alienação e exploração geradas pelo capitalismo (Albee, 2017) demonstra que o sofrimento mental não é apenas passivo, mas também uma resposta ativa e transformadora à opressão.

Palavras-chave: Sofrimento Mental, Corpo, Capitalismo, Teatro, Biopoder.

¹ Psicólogo, Psicanalista e Sociólogo. Mestrando, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSS/UFRJ); Bolsista FAPERJ Nota 10; Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF). Pós-graduado em Terapia Cognitiva Comportamental, Saúde Mental e Pós-graduado em Psicopedagogia. Formado em Gestão de Recursos Humanos e Pós-graduado em Gestão de Pessoas. E-mail: armandoluis@id.uff.br



“Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!”

(Frantz Fanon)

O capitalismo, como sistema econômico e social hegemônico, não apenas organiza a produção e o consumo, mas também molda o corpo, as subjetividades e as experiências humanas (Deleuze; Guattari 2010). Nesse contexto, o sofrimento mental e o corpo emergem como uma expressão complexa das contradições inerentes a esse sistema. A angústia, a ansiedade e os transtornos psicológicos, antes relegados ao domínio privado, ganham visibilidade pública, tornando-se temas centrais em debates sociais, culturais e artísticos. O corpo, enquanto suporte físico e simbólico, torna-se o palco no qual o sofrimento mental é encenado (Freud, 1997), refletindo as tensões e os conflitos gerados pela lógica capitalista.

Este artigo propõe-se a investigar a estética do sofrimento mental no teatro contemporâneo, analisando como o corpo em angústia é representado e como essas representações dialogam com as dinâmicas do capitalismo (Boal, 1974). Partindo de uma perspectiva interdisciplinar, que integra teoria crítica, Psicologia, Psicanálise, Sociologia, Teoria Crítica e estudos de performance, o objetivo central é compreender como o sofrimento mental, enquanto fenômeno social e psicológico, é estetizado e instrumentalizado pelo sistema capitalista. Além disso, busca-se refletir sobre o papel do teatro como espaço de resistência e crítica, capaz de expor e questionar as estruturas que perpetuam o sofrimento (Butler, 2003).

REFERENCIAL TEÓRICO

O sofrimento mental no contexto do capitalismo pode ser compreendido a partir de uma variedade de perspectivas teóricas que se entrelaçam para oferecer uma visão multifacetada do fenômeno. Em sua análise crítica do capitalismo, Karl Marx (2013), introduz o conceito de alienação como um dos pilares desse sistema. Observa-se que a

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Suscetibilidade

alienação ocorre quando o trabalhador se separa de sua produtividade e de si mesmo e dos outros, resultando em uma sensação de desenraizamento e angústia (Lacan, 2005).

Ademais, essa separação não somente desumaniza o indivíduo, mas também produz um profundo mal-estar psicológico, que se manifesta como sofrimento mental (Freud, 1996). A lógica capitalista, centrada na acumulação e na produtividade, transforma o ser humano em uma engrenagem da máquina produtiva, reduzindo sua existência a uma mera função econômica (Marx, 2013).

Em a “sociedade de consumo”, como o corpo e a saúde mental, as relações humanas são mercantilizadas e a identidade e imagem são construídas a partir da aquisição de bens e da performance social (Bauman, 2008). O mundo, a realidade social e tudo que nela há, torna-se onde um espaço na qual tudo é commodity, inclusive o corpo, saúde mental, identidade afetiva, emoções e as relações, o sujeito é frequentemente pressionado a se adaptar e a performar, produzindo ansiedade, insegurança, exclusão e um sentimento de inadequação (Han, 2017). O consumo, nesse contexto, não é exclusivamente uma atividade econômica, mas também uma dimensão psicológica, sociopolítica, marcado sobretudo pela forma de preencher o vazio existencial produzido pelo próprio sistema.

Ora, em “A Interpretação dos Sonhos”, Freud (1997) demonstra o inconsciente como um espaço onde os desejos reprimidos e os conflitos psicológicos se manifestam. O sofrimento mental é, em grande parte, resultado da tensão entre os desejos inconscientes e as demandas da realidade que atravessam o próprio corpo. Em o “O seminário” como nesse contexto a angústia, esse afeto do sujeito como elemento central na constituição do sujeito. O autor relaciona a angústia à falta e ao desejo, argumentando que ela surge quando o sujeito se depara com o vazio estrutural de sua existência (Lacan, 2005). No quadro do capitalismo, essa angústia é intensificada pela pressão constante por um corpo ideal, status, sucesso, produtividade e conformidade, afetando em especial a sua saúde mental, subjetividade e impondo o sofrimento mental como estética na contemporaneidade.

A análise da estética do sofrimento mental -o corpo em angústia no teatro do capitalismo revela a condição corpo como alvo e exercícios de várias modalidades de poder, entre os quais o biopoder, que se refere ao controle e à regulação dos corpos e das populações pelo Estado e pelas instituições (Foucault, 1975). Ademais, o biopoder atua sobre os corpos de maneira sutil, mas eficaz, normalizando comportamentos e

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Saúde e Sustentabilidade

patologizando aqueles que fogem à norma, a saúde e o sofrimento mental, o biopoder se manifesta através da medicalização e da psiquiatrização da angústia, transformando-a em um problema individual a ser tratado, em vez de uma questão social a ser enfrentada (Foucault, 1976), revelando como a sociedade capitalista marginaliza e exclui todos os corpos que não se encaixam nos padrões de normalidade e do ideal.

Ademais, através do campo das artes, podemos observar que performance teatral permite a encenação de conflitos sociais e psicológicos, tornando visíveis as estruturas de poder que os produzem (Schechner, 2006). O teatro, como forma de arte, não apenas reflete a realidade, mas também a questiona, proporciona possibilidades de afirmação e transformação. O corpo do ator, em performance, torna-se um espaço de existência e resistência, na qual as tensões entre o individual e o coletivo, entre a liberdade e a opressão e a angústia são dramatizadas e questionadas (Schechner, 2006). Observa-se como o sistema capitalista, ao mesmo tempo que cria as condições para o surgimento do sofrimento, também o instrumentaliza e o normaliza, transformando-o em uma ferramenta de controle e consumo. Assim, o teatro emerge como um espaço privilegiado para a representação, análise e crítica desse sofrimento, revelando as contradições e as falhas do sistema (Deleuze; Guattari 2010).

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem metodológica baseada em uma revisão bibliográfica crítica e abrangente, com o intuito de examinar como o sofrimento mental e o corpo são representados no contexto do capitalismo, especialmente no teatro contemporâneo (Albee (2017). A análise visa compreender as relações entre o sofrimento psíquico, as estruturas de poder e a estética do corpo em angústia mental (Freud, 1997), à luz das dinâmicas sociais, políticas e econômicas. A pesquisa busca, sobretudo, refletir sobre a maneira como o sistema capitalista e suas pressões impactam a saúde mental e as expressões artísticas no teatro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise revelou que o sofrimento mental aparece, é apresentado e representado através de uma estética do corpo fragmentado e angustiado que reflete a desumanização promovida pelo capitalismo contemporâneo (Fisher, 2009). O corpo, nesse contexto, não

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

é exclusivamente o suporte físico, onde se manifesta a própria expressão visível da opressão psicológica, socioeconômica e política. Ademais, essa representação estética do sofrimento mental no teatro contemporâneo evidencia como o sistema capitalista, ao priorizar a produtividade e o consumo, produz condições que exacerbam a angústia e os transtornos psicológicos (Bauman, 2008).

Em peças como “Quem tem medo de Virginia Woolf?” de Edward Albee (2017), as tensões psicológicas dos personagens refletem a angústia existencial e as frustrações de um sistema que desvaloriza as emoções, afetos humanos em nome do sucesso material. Os diálogos intensos e as relações conflituosas entre os personagens revelam não apenas o atravessamento da relação do sujeito com a angústia, mas também uma profunda alienação e o vazio existencial produzido pela busca incessante por status e reconhecimento. O corpo, em cena, torna-se um campo de batalha onde as contradições do capitalismo são dramatizadas, mostrando como o sofrimento mental é tanto uma consequência quanto uma crítica ao sistema (Freud, 1997).

Ademais, Lacan (2005), em sua teoria sobre a angústia, argumenta que esse afeto surge quando o sujeito se depara com o vazio estrutural de sua existência. No teatro, essa angústia é encenada através de gestos, exigências reais, simbólicas, expressões, movimentos e comportamentos que revelam a fragmentação do sujeito no capitalismo. O corpo em sofrimento torna-se, assim, um símbolo da desumanização promovida pelo sistema, que reduz o sujeito a uma mera engrenagem na máquina produtiva (Marx, 2013). A representação do corpo fragmentado e angustiado no teatro contemporâneo evidencia como o capitalismo não somente explora o trabalho, mas também corrói a subjetividade, o corpo e a saúde mental, as relações e o próprio sujeito (Sennett, 2012).

Ora, no teatro, essa regulação é questionada através da representação do sofrimento mental como uma forma de resistência. Demais, ao expor as condições extremas de sofrimento causadas pelas pressões do capitalismo, o teatro produz um espaço para a reflexão crítica sobre o sistema e suas falhas (Deleuze; Guattari 2010). Percebe-se como a sociedade de consumo transforma as relações humanas e o corpo em transações mercantis, produzindo ansiedade, exclusão, insegurança e sofrimento mental (Bauman, 2008). No teatro, essa crítica é materializada por meio da representação de personagens que lutam contra a alienação e a desumanização, buscando recuperar sua humanidade em um mundo dominado pela lógica do consumo.



Diante disso, a pesquisa Genê, Saúde e Sistema Capitalista de sofrimento mental não é exclusivamente passivo. Ele se manifesta como uma resposta ativa e muitas vezes transformadora à opressão que lhe dá origem. O corpo em sofrimento é, portanto, um corpo que resiste, que se recusa a ser capturado, docializado e controlado por um sistema que visa reduzir a experiência humana a um simples número ou performance de produtividade (BUTLER, 2003). Aliás, Giorgio Agamben (2002), em sua discussão sobre a “vida nua”, argumenta que o capitalismo reduz o sujeito a uma existência biológica desprovida de significado. No teatro, essa redução é contestada através da representação do sofrimento como uma forma de resistência e reflexão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo reafirma que o sofrimento mental, enquanto fenômeno social e psicológico, não pode ser dissociado das dinâmicas do capitalismo. O sistema capitalista, ao priorizar a produtividade, o consumo e a acumulação de riquezas (Luxemburgo, 2021), produz condições estruturais que exacerbam a angústia, a ansiedade e os transtornos psicológicos. A alienação do trabalho, a mercantilização das do corpo, as relações humanas e a pressão por desempenho e conformidade são fatores que contribuem para a intensificação do sofrimento mental na contemporaneidade. O corpo, nesse contexto, torna-se o palco onde essas tensões se manifestam, sendo simultaneamente um reflexo da dor, angústia e um espaço de resistência (Freud, 1997).

O teatro, como expressão artística, desempenha um papel central na visibilização e na crítica desse sofrimento mental. Através de representações estéticas que exploram a fragmentação e a angústia do corpo (Lacan, 2005), o teatro revela as contradições e as falhas do sistema capitalista. Peças como “Quem tem medo de Virginia Woolf?” exemplificam como o sofrimento mental é utilizado como uma metáfora para questionar e discutir questões mais amplas, como a alienação, angústia, o vazio existencial e a desumanização promovida pelo capitalismo (Albee, 2017). O teatro, portanto, não apenas reflete a realidade, mas também a questiona, oferecendo um espaço para a reflexão analítica, crítica e a transformação social.

Ora, a análise da estética do sofrimento mental no teatro contemporâneo permite compreender melhor as relações entre corpo, sofrimento e capitalismo. O corpo em angústia, representado de forma fragmentada e intensa (Freud, 1911), torna-se um

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Saúde e Sustentabilidade

símbolo da desumanização e da opressão do indivíduo frente às pressões do capitalismo. No entanto, essa representação também revela a resistência do indivíduo frente às pressões do capitalismo. O sofrimento mental, nesse sentido, não é somente passivo, mas também uma resposta ativa e transformadora à opressão que lhe dá origem. O corpo em sofrimento é, portanto, um corpo que resiste, que se recusa a ser capturado e controlado por um sistema que visa reduzir a experiência humana a um simples número ou performance de produtividade (Butler, 2003; Albee, 2017).

A pesquisa aponta para a necessidade de transformar as estruturas sociais (Foucault, 1975) que perpetuam e amplificam o sofrimento mental. Enquanto o capitalismo continuar a priorizar o lucro em detrimento do bem-estar humano, o sofrimento mental persistirá como uma expressão das contradições desse sistema (Bauman, 2008). Em suma, este estudo destaca a importância de compreender o sofrimento mental não apenas como uma questão individual, mas como um fenômeno social e político. O teatro, ao representar a angústia e a resistência do corpo (Albee, 2017), revela as tensões e os conflitos produzidos pelo capitalismo, apontando para a necessidade de uma mudança estrutural. A estética do sofrimento mental, portanto, não é apenas uma expressão artística, mas também uma ferramenta de crítica e transformação social.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão à FAPERJ pelo apoio financeiro e institucional por meio da concessão de bolsa de pesquisa, sem o qual este trabalho não teria sido possível. O apoio contínuo da FAPERJ foi fundamental para a realização deste estudo, permitindo o desenvolvimento e aprofundamento das discussões aqui apresentadas. Agradeço, igualmente, à equipe da fundação pela confiança e pela infraestrutura de apoio, que foram essenciais para a execução desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

ALBEE, Edward. **Quem tem medo de Virginia Woolf?** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: sobre os limites materiais e discursivos do "sexo"**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2010.

FISHER, Mark. **Capitalist Realism: Is There No Alternative?**. Winchester: Zero Books, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões**. Petrópolis: Vozes, 1975.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics, 1996.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Rio de Janeiro: Imago, 1911.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **A Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V. Lusa-Brasileiro Educação em Sexualidade,

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013.

SCHECHNER, Richard. **Performance Studies: An Introduction**. New York: Routledge, 2006.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2012.